

O PRÍNCIPE REVISITADO: MAQUIAVEL E O MUNDO EMPRESARIAL / ADERBAL NÍCOLAS MÜLLER & LUIS ROBERTO ANTONIK. SÃO PAULO: A L MEDINA, 2011.

Maria Lúcia Gili Massi.

Faculdade Instituto Paulista de Ensino, Rua Euclides da Cunha, 377, Centro, Osasco, SP, CEP 06016-030.

O Príncipe, escrito por Nicolau Maquiavel em 1513, traz os conselhos dados a Lorenzo de Médici, sobre a arte de conduzir-se nos negócios, agindo com rigor para conquistar e manter o poder sobre o principado. Nas cento e seis páginas do livro que revisita o texto italiano, os autores transpõem para o mundo corporativo atual os conselhos que Maquiavel deu ao príncipe no século XVI.

Na carta que inicia o texto, dirigida aos empresários, os autores revelam o rigor das palavras que serão escritas e a utilidade do “pequeno volume”: se o lerem com cuidado, atingirão a grandeza de poder que uma boa carteira de investimentos lhes asseguram.

A analogia entre as duas obras é total. A começar pela divisão dos assuntos: 26. Em O Príncipe revisitado, os conteúdos dos capítulos são: 1. De quantos tipos são as empresas e quantas são as maneiras de adquiri-las; 2. Dos empresários por herança; 3. Das empresas compradas e das fusões; 4. Como manter empresas com administrações familiares ou não profissionais; 5. Do modo de manter empresas concorrentes compradas; 6. Os novos empreendimentos são construídos pela força, mas com nobreza; 7. Os novos empreendimentos construídos com forças externas; 8. Aqueles que se tornaram empresários pela artimanha; 9. O executivo de carreira; 10. Quando os executivos medem forças; 11. A gestão das empresas familiares; 12. Como usar executivos profissionais e consultores contratados; 13. Dos terceirizados e do trabalho próprio; 14. O empresário tem obrigações com os seus negócios; 15. Algumas razões para ser um empresário de sucesso; 16. Ser liberal, uma arte conquistada por poucos; 17. O que é preferível: ser amado ou temido?; 18. Se devemos guardar a palavra empenhada; 19. A empresa está em primeiro plano, mas evite ser odiado pelos empregados; 20. A arte de confiar nas pessoas e delegar; 21. O que deve fazer um empresário para ser amado; 22. Os gerentes e diretores; 23. Como evitar os bajuladores e aproveitar os bons conselhos; 24. Quais os motivos que levam alguns empresários a perder suas empresas; 25. A sorte existe, mas não se pode confiar nela; 26. O empresário brasileiro, esse herói.



A leitura desse elenco temático denota a linguagem direta que será utilizada ao longo da obra e a severidade dos ensinamentos que serão transmitidos, conselhos esses fruto da observação das ações dos grandes homens que são nominados em várias passagens do texto, como: Antonio Ermírio, Gerdau e Silvio Santos, entre outros executivos brasileiros. Tais títulos revelam, ainda, a clareza e a forma didática nos esclarecimentos dos conceitos, fruto da experiência executiva e da vida dos professores escritores.

Aconselham, ao empresário, trocar os gerentes que não alcançam resultados, pois é da troca estratégica, inteligente e pensada que se forma uma boa equipe, pois ninguém gerencia sem o auxílio de uma equipe. Funcionários e colaboradores motivados são as forças da empresa, as demais forças são mercenárias ou auxiliares. Os centralizadores devem ser trocados porque serão a derrocada da empresa. Nenhum tirano é eterno, dizem os autores, basta rever a história. Os executivos devem ser duros, mas humildes e justos. O primeiro motivo que pode levar o empresário a perder a empresa é descuidar-se da arte de administrar. Os empresários, mesmo nos tempos bons, devem ouvir os anseios, aspirações e níveis de satisfação dos seus colaboradores e clientes grandes e pequenos.

Os analistas de mercado e os consultores, dizem os professores, são ótimos para darem ideias, mas não implantam nem solucionam nada. Consultores orientam, empresários dirigem. Consultores promovem lentas e frágeis conquistas, porém rápidas e espantosas perdas.

Em relação às organizações estruturadas em processos, dizem que, após o desaparecimento do controlador, são raras as que obtêm êxito, uma vez que não é o processo que constitui a receita de sucesso, mas as qualidades dos homens que a controlam. Esses são sérios, honestos e obstinados, não ostentam riqueza, pouco aparecem nas colunas sociais, são os primeiros a chegarem ao trabalho e os últimos a saírem. Não roubam os empregados. Conhecem tudo e todos. São doces, mas incapazes de poupar um ato errado. Quando necessário, são cruéis, mas nunca deixam de ser justos.

Quem julga que os benefícios novos levam ao esquecimento de antigas injúrias, erra, relembram os escritores no mesmo tom de Maquiavel, pois uma pessoa que ofendemos no passado não esquece as injúrias, apenas porque lhe fizemos algo de bom depois.

Três coisas movem os homens: posse, poder e fama. Ao se apoderar de uma empresa, o investidor deve fazer as maldades todas de uma vez, para não ter de repeti-las todos os dias. O empresário deve estudar as suas próprias lições, aprender a ser mau e a deixar de ser, conforme a necessidade. Um empresário sábio, amando homens como querem ser amados, e sendo temido por eles como quer, deve firmar-se no que é seu e não sobre o alheio, pois os homens se esquecem mais rapidamente a morte do pai do que a perda do seu patrimônio. Para conservar o



negócio, o empresário, muitas vezes, é obrigado a agir contra a caridade, a fé, a humanidade, o estado e a religião.

Para se proteger da adulação, o executivo deve fazer com que os homens compreendam que não lhe fazem ofensa em dizer-lhe a verdade. Quando, porém, todos podem dizer-lhe a verdade, lhe faltarão com o respeito. Por isso, o empresário prudente deve conceder o direito de dizer-lhe a verdade, apenas, aos colaboradores que sejam homens sábios, e somente das coisas que lhes inquirir, e não mais sobre nenhum outro.

Esses conhecimentos extraídos do livro resenhado nos ensinam que o êxito nos negócios do principado antes, e/ou do mundo empresarial agora, reside, principalmente, nos atributos dos empreendedores de sucesso que gerem qualquer empreendimento.

